

No palco, duas atrizes: Macabéa (protagonista) e a cartomante. A porta da casa da cartomante está apenas encostada, a lâmpada do interior da casa, acesa; Macabéa entra sem bater. A cartomante usa turbante, fuma e fala muito baixo; está sentada; ela não se surpreende com a entrada de Macabéa; há um prato em cima da mesa; a cartomante mostra uma outra cadeira em que Macabéa se senta; a cadeira range o tempo todo:

Macabéa: Dona Cartomante! Muito boa tarde pra senhora! Desculpa que eu já fui logo entrando, porque a porta tava aberta e me disseram que a senhora é muito boazinha! Eu acho que deve ser verdade, porque tem até um prato de bolinho aqui. A gente pode experimentar, né? Todo mundo que vem do Nordeste, feito eu, Macabéa, gosta que gosta de um bolinho.

Cartomante: Eu já esperava por você, Macabéa. Coma os bolinhos. Coma todos eles, enquanto eu ponho as cartas pra você.

Macabéa: Ninguém nunca escreve carta pra mim não, senhora! Eu tenho até pouca leitura. De vez em quando eu compro umas moedas de por no telefone de rua, e falo com uma irmã minha que lá ficou.

Cartomante: Você gosta de falar, hein, menina?

A cartomante distribui as cartas, examina-as; Macabéa come rapidamente todos os bolinhos; engasga, passa a falar com dificuldade:

Macabéa: Esses bolinhos tá uma delícia, Dona Cartomante! Mas é bem seco, né? A senhora não teria, por acaso, um copo de café pra ajudar a empurrar os bolinhos?

A cartomante ignora o pedido de Macabéa, que faz força para engolir. A cartomante abre cartas, faz predições:

Cartomante: Macabéa, as cartas dizem que...

Macabéa: Só se elas tão falando no ouvido da senhora, porque eu não tô ouvindo nada.

Cartomante: Chiiiiu. Macabéa, você, em breve, fará uma viagem...

Macabéa: Pra perto ou pra longe? Porque tem um tio meu que mora em Salvador, outro, que não sei se ainda tá vivo, que mora aqui mesmo no Rio de Janeiro, não sei se a senhora conhece, ele faz ponto lá na Luz, engraxa sapato...

Cartomante: Chiiiiiiiiiii. Uma viagem longa. O voo partirá do aeroporto Santos Dumont...

Macabéa: Nossa! Nem sabia que ele era vivo...

A cartomante começa a perder a paciência; está visivelmente irritada:

Cartomante: Macabéa, se você não fechar a matraca, eu vou parar a leitura...

Macabéa: E... desculpa perguntar... mas a senhora tá lendo o quê?

A cartomante não responde; ela se compadece de Macabéa, como que se arrepende de ter se irritado; continua abrindo cartas, fazendo predições:

Cartomante: Macabéazinha, você é tão bonita... Você vai para um lugar frio, há muita neve...

Macabéa: Uh delícia! O que é que as cartas tão falando a respeito de blusa de frio, meia, cachecol... essas coisas? Porque eu tenho só blusinha de calor, chinelo de dedo... Tem um par de sapato, isso tenho, porque a mulher do zelador do prédio me passou um novinho em folha... roxo, bem da moda.

Ouve-se um estrondo; a lâmpada se apaga; Macabéa se levanta da cadeira; fala, enquanto vai saindo de cena:

Macabéa: Dona Cartomante, a senhora não repara não, porque já tá na minha hora e não é que eu tenha medo do escuro, nada disso. É que essa cadeira já tá cansada de me aguentar... tá vendo como ela tá rangendo? Eu devo estar muito pesada. Olha, então diz pras cartas da senhora, se é que além de falar elas também ouvem, que eu fico agradecida pela viagem, e que eu tô lá em casa, esperando a passagem. Eu moro na rua de trás, na esquininha. É só gritar que eu apareço no portão. Se quiser entrar sem bater, também pode. Ou, sei lá, pode ir a senhora no meu lugar... Talvez eu vó pra outro lugar... que não faz frio.

*Por Gislaïne Buosi*